

GAZETA DE ANGELA

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1880, 8 tomos 1800, 4 tomos 500, Brazil 3600 reis. — Número avulso no proprio dia 20 reis. Passado o dia 40 reis.

Redactores — RICARDO M. VAGUEIRA SOUTO e A. LEO MARTINS

Administrador — SEBASTIÃO CORRÊA DA COSTA

ANNUNCIOS E COMUNICADOS

Põe linha, 40. Repetições, 20. — Os seus annuncios tom 25 por cento do ablativo.
Redacção — Rua dos Caldeiros, n.º 250 — Porto

ANGELA, 8 DE FEVEREIRO DE 1888

SUMMARY

A conduta da opposição serpaeca e a sua denuncia.
Noticiário.
Folhetim.

SCIENCIAS E LETTRAS

Leitura para nossa filhas — D. Maria A. Vaz de Carvalho.
M. — (soneto) — Custodio Guimarães.
A folha de hera — Carlos Lobo d'Acilia.

A CONDUTA DA OPPOSIÇÃO SERPAECA E A SUA DEBACENCIA

Quando uma opposição se impõe a tarefa exclusiva de lutar persistentemente e aciosamente por derrubar a todo e transe uma situação politica sem repugnancia dos meios empregados; quando ella escoge, e explora todos os incidentes para obstruir a acção do governo e se intente, a cada momento, contra as medidas mais sensatas dos ministros da coroa e se intente repugnantemente com epithetos proprios d'uma praça de peixe mas indignos de homens illustres; quando uma opposição assim procede, longe de ser proveitosa a um paiz, faz-lhe antes um pessimo serviço. Fornece um valente documento da cencia de patriotismo d'esse paiz, deprime a sua força moral, fomenta a descrença politica por todas as classes sociais, desautorisa o seu parlamento e collabora no descredito da nação.

A opposição actual está nestas condições, infelizmente para o paiz, accrescendo ainda os defectos da sua organização e indisciplina, infelizmente para ella.

Isto não o dizemos nós, evidencia-o constantemente ella e escrevem-no pessoas autorizadas, e para todos insuspeitos. Vejamos se em tudo isto ha alguma verdade.

A opposição parlamentar ainda não prestou, como todos sabem, o seu assentimento franco e sincero a nenhuma das medidas do actual gabinete. Não tem algumas doido o resultado desejado nem preenchido o seu fim? Não o duvidamos, porque ninguém é perfeito em tudo o que faz. Muitas outras medidas tem sido aciosissimas e vantajosas. Todos o reconhecerão, mas o facciosismo cego e ridiculo da opposição indisciplinada não lhe permite confessar-o. A qualquer projecto ou reforma que apparece, ella dá-se logo pressa a cobri-la de lama e esforça-se por fazer passar os olhos do paiz como medida vexatoria e repugnante; e a esse proposito levanta logo um incidente sobre o qual, quer fallar um senador, quer um deputado, quer um jornalista humilde que, sem mais annos de vida publica do que alguns d'alles tem d'idade, e que tem prestado mais serviços ao paiz que elles nunca hão de prestar.

Isto é o que consta dos extractos das discussões da legislatura que vos contámos. A propósito da proposta do sr. Porto de Lisboa onde ninguém de bom senso pôde hesitar de incriminar, com fundamento, nenhum ministro, os da opposição já representaram um papel que a todos releva a má fé com que procedem. Causado lhes está sempre puerile um pretexto para se atirarem ao governo, logo que se fallou a primeira vez em qualquer parlamentar protestaram. Vendo o descredito que d'ahi lhes vinha, mudaram radicalmente de opinio e no dia immediatamente approvam por unanimidade o inquerito parlamentar contra que tinham

protestado na vespéra e n'isto iam sendo ridicularizados e recebendo lições da parte do sr. Brijona, que em senso e proceder lhes vai ganhando terreno espondosamente.

Sobre o inquerito agricola e a lei das licenças, medidas que já são velhas em todos os paizes civilisados, a primeira indisciplinavel para sublevar as forças productivas do paiz e elevar-se a agricultura, a segunda para restabelecer-se a intelligencia relativa ao pagamento das contribuições, contra estas medidas tão sensatas e justas os surs, da opposição serpaeca, quer na imprensa quer no parlamento, fizeram uma guerra de morte e explorando e abusando da ignorancia do povo, inutilizam o relatório e a levantar resistencia á marcha do governo, notando-se bem que a lei das licenças já constituia um projecto de lei apresentado em cortes em 1879 pelo actual chefe regenerador! Pôde assim conquistar algum credito no opinio do paiz?

Pôde ser lei e patriota uma opposição, que na sua imprensa e no parlamento, esista por meio da sua rhetorica excitando, dando tudo o apoio e calor aos tumultos da rua e l'hipnotizado ao governo responsavel de crises como a da d'Almeida, que só ao governo regenerador pertence a tarefa, e elle que tem dominado sempre com pequenissimos intervallos.

Pôde-se tomar a serio uma opposição que em vobis parlamentares insulta insolentemente os dos ministros mais serios da corporação e no dia seguinte chama que seja processado um particular que teve a coragem de escrever a um jornal de provincia uma carta energica, combatendo os desmandos do parlamento?

Mas que ridicula, que ridicula, essa opposição accephala que para ali anda a entremear e pretender denegar reputações eminentes. Para se completarem nem sequer falta o completo desdoro nas camaras entre a sua diminuta gente.

Emquanto nas camaras dos deputados se pede a todo o transe que seja processado o autor da carta, no mesmo dia, na camara alta, o sr. Hiltze Ribeiro declara não haver motivo para tal exigencia!

Emquanto nas casas do parlamento se censura o governo e se dá força á agitação rural e se inventam comicos em Arouca e em Caminha que nunca existiram, nos corredores do mesmo edificio dão-se scenas vergonhosas entre os seus chefes e sarcasmos por discordancia d'aqueilo systema politico de arruacas e de insultos que os rebeldes e os condemnados e os expulso á tropa de seus antigos correligionarios da esquerda pretendem assim conquistar confiança considerável? Ha quem? Do povo? Não, porque esse sabe characterisar os comicos de resistencia ao governo em comicos de apressado como aconteceu em Braga e em outras terras, e sabe malgastar outros do ablativo severas lições aos explorados.

Espiram o apoio da imprensa sensata e independente! Não, porque essa pela pena aciosissimissima dos Rodrigues de Freitas diz: «governar na opposição é não atacar só para derribar, mas sim por obediencia á principios que se professam conscientemente, por amor da verdade, por dever de proprias ideias, por desejo de esclarecer o povo; governar na opposição não prometter nada que se não temencia de fazer e antes se multiplicam os piroes promessas do que um paçoo d'alvito; e preferir uma victoria boia, ainda que tardia, a um triumpho torpe, ainda que por elle se alcance uma pista; é não negar aos adversarios os merecimentos que em verdade tenham, nem impedi-los de praticar o bem; em auxilios os inimigos irá nesta caso o apoio ás ideias proprias, ás praticas usas; contrariar-o então, seria contraditório se a si proprio, estabelecer um precedente mais, fabricar uma arma que mais

FOLHETIM

A JUDIA

Corria branda a noite; o Tejo era sereno;
A riba, silenciosa, a viração subtil;
A lua, em pleno azul, erguia o rosto ameno;
No ceo, inteira paz; na terra, pleno abril.

Tardo rumor longinquo, airoso barco ao largo
Bordava aureo listrado do Tejo ao manio azul;
Cedia a natureza ao celestial lethargo
Traziam meigos sons as viragoes do aml.

O' noites do Lisboa! o' noites de poesia
Auras cheias d'aroma! esplendido luar!
Vastos jardins em flor! suavissima harmonia!
Transparente, profundo, infinito, o ceo e o mar!!!

Se a triste da judia oussasse ter desejo
De patria sobre a terra, aqui prendêr o seu:
Um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo,
E eleito da minh'alma um coração só meu!...

Corria branda a noite; immersa em funda magna,
Fui assentir-me triste e só no meu jardim;
Ovi um canto ameno! e um barco ao lume d'agua,
Vagava brandamente. A voz dizia assim:

«Dorme! e eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no ermo vi;
Dorme — Impossivel — que encontrei na vida,
Dorme, querida, que eu descanto aqui!

Dorme! eu descanto a acalantar-te os sonhos
Virgins, risinhos, que te vem dos ceos!
Dorme e não vejas o martyrio, as maguas,
Que eu digos ás aguas, e não conto a Dens!

Anjo sem patria, branca das errante,
Petto ou distante que de mim tu vás,
Ha de seguir-te uma saudade infanda,
Hebrêa linda, que dormindo estás!

Onde nasceste? onde brincaeste o bella?
Rosa singela, que não tem jardim?
No Cairo? em Malta? em Nazareth? no Egypto?...
Mundo infinito, e tu sem berço! Olí him.

Filha que o vento da fortuna impelle!
Victima imbelhe, que o tufão rosnou!
Filha, que n'um vaso se alimenta, cresce,
Ri, des'patece, e nunca mais voltou!

Filha d'um povo perseguido e nobre,
Que ao mundo encobre o seu martyrio e creí
Sempre Ashevero a percorrer a esphera!
Desgraça! asphera! inabslavel fé!

Porque ha-de o lume de teus olhos bellos
Mostrar-me anhelos d'infinito ardor?
Porque esta chama a consumir-me o seo?...
Deus, de permisso, nos maldiz o amor!...

Pello, meu pello porque anceias tanto?
Pranto! meu pranto, basta já, não mais!
E' sina, é sinal remador, voltemos;
Não a acordenos... para quê, meus ais!

Dorme, que eu velo, seductora imagem,
Grata miragem, que no ermo vi;
Dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
Dorme, querida, que eu não volto aqui...

Somno-se a barca, e eu chorava,
Debrubada sobre o Tejo;
A aragem trouxe-me um beijo
Que não meus labios tomei...

Ergui-me cheia de affecto;
Vi scintillar illa a esleira
Da barquinha fideleira,
E disse ás auroras: «correi!

Trazei-me! quero contar-lhe
O fundo tormento encobre
Da judia que não dorme
A penar d'ignoto amor!

Vagui trazei-me o seu nome,
O seu retrato, o seu canto,
Uma baga do seu pranto...
Que venha! o meu trovador!...

por um publicista como Rodri-
go de Freitas deve ter contristado a opo-
sição e deve-a ter temperado o pa-
pel que está representando.
Contará ou terá a seu favor a confiança
da corôa? Não, porque ha dias indo ao pa-
ço um dos membros mais illustres da ca-
mara dos pares e dizendo a ei-que que vi-
nda de dellas nas camaras uma moção de
confiança ao governo, sua magestade res-
pondeu—fex bem, se o governo como es-
te, presidido por José Luciano de Castro,
deitam-se moções de confiança, principal-
mente quem se interessar pelo bem do pa-
iz.

Políticos não alargar muito mais as
considerações e citações, mas as nossas
muitas occupações escolares não nol-o per-
mittem.

Mas o que se conclue do tudo isto? Que
o governo está fraco e a opposição está
forte! Não o percebemos assim.

Noticiario

Conselheiro Augusto de Castro.—Este distincto cavalleiro, mereti-
tissimo procurador regio junto da Relação
do Porto, foi ultimamente agraciado com
a carte de conselheiro. Na epocha que vamos
passando, pouquissimos titulos são con-
cedidos com tanta propriedade e justiça co-
mo este. Conquistado unicamente pelo seu
e distinctissimo como empregado pu-
blico e pelos servicos por sua etc., pres-
ta á magistratura portugueza, da qual
um ornamento, nada ha mais bem mere-

do o sr. ministro da justiça que tendo
o mais subido aprego os servicos de sua
c. e de seccão se lhe significasse uma
manifestação de louvor, solicitou d'esse por-
te magistrado portense accesselae a car-
ta de conselheiro que lhe ia ser conferida
por intermédio do sr. s. de todo honroso
quando estas provas de differença da ac-
tividade de pessoas de categoria official
se vierem como é o sr. ministro da justi-
ça.

Nem d'outra maneira o sr. pro-
curador regio do Porto secciona a carte de
conselheiro. Tomas a honra de conhecer do
porto sua etc. para poder affirmar-o.
Felicitamo-o sinceramente.

**Subscrição para os candie-
ros.**—A subscrição existente não chega
ainda para a compra dos candieiros.
Quando apparecerem mais alguns sub-
scriptores que preencham o que faltar
pedir-se-hão aos subscribers as respec-
tas quantias e tratar-se-ha de fazer-se a

compra dos candieiros. Enquanto a
subscrição não der para a compra d'el-
les, declaramos que não receberemos di-
nheiro de nenhum subscriber. Se o rece-
bermos quando tivermos a certeza que
ha o dinheiro sufficiente para logo no dia
seguinte se realizar a compra.

Julgados em Albergaria Velha.—Devia ter sido nobre inaugurada
a instalação do julgado municipal em Al-
bergaria e que segundo nos consta deve-
r ser muito festejada.

Restabelecimento.—Está com-
pletamente bem o menino Augusto, filho
do sr. conselheiro Augusto de Castro, o
que muito estimamos.

Subscrição.—Trata-se em Angre-
jo por meio de subscrição, de arranjar di-
nheiro para indemnisar o empreiteiro das
obras de egreja d'uns prejuizos alli soffri-
dos e para elle continuat com as obras.

A Geração Nova.—Os srs. J.
Diogo do Carmo e Alfredo Coimbra, acabam
de enviar-nos o prospecto d'um jornal as-
sim intitulado, hebdomadario que certa-
mente fará revolução no mundo litterario.
Esta publicação, segundo o programma,
não será só um primor d'arte typographi-
ca, promette um plano ainda não usado
entre nós e uma escolha minuciosissima,
de fino gosto litterario em original, a par
d'uma collaboração distincta, selecta.

Se o programma, que os dois esperan-
ços rapazes fizeram correr mundo, não for
um ideal, mas a realidade do que será
a «Geração Nova», teremos um semanario
excessivamente modico, verdadeiro biju-
da litteraria.

**Julgamento de socialistas po-
lacos.**—Foram julgados ha dias em Po-
sen, quinze socialistas polacos, accusados
de fazerem parte d'uma sociedade secreta
e de terem excitado as differentes classes
da população a coactarem-se mutuamente
para a realização de um plano de rebelião
contra o governo da Prussia em 1848.
Sete, em nove a quatro mezes da mesma
pena e quatro, absolvidos.

Previdencias destruidas.—
Lord North, em 1793, empregou ha dias uma
agencia de transportes de Londres de re-
mover alguns quadros de grande valor de
um palacio para outro por elle comprado
ultimamente.

Durante a viagem, incendiou-se a palha
que embalhava as telas, e os quadros fi-
caram completamente destruidos. Atribue-
se o incendio a um operario, que teve a
imprudencia de acender o cachimbo no
mesmo carro onde iam os quadros.

As telas destruidas representavam um
valor de setenta mil francos, approxima-
damente, reis 128:000:000.

Morgue em Lisboa.—O conselho
geral de hygiene foi consultado pela com-
missão executiva da camara municipal de
Lisboa, sobre um projecto de morgue elab-
orado pela sua repartição technica.

Casas de correção.—O sr. mi-
nistro da justiça applicou na camara dos
deputados uma proposta creando tres cas-
as de correção para individuos do sexo
masculino menores de 18 annos, proces-
sados e afiliiados nas comarcas de Lis-
boa, Porto e Ponta Delgada, e creando nas
visinhanças de Lisboa uma colonia agricola
para receber os menores de 18 annos
processados e não afiliiados da comarca
de Lisboa.

A sala dos carnevales.—A dan-
ça que, sob o moteio disfarce de sala de
mascaras, ha annos se baila de mascarados
em Lisboa, pedindo esmola para os po-
bres, obteve ja na presente epocha a quan-
tia de 473000 reis; e durante os dez annos
que impura a caridade dos benefic-
tadores dos bailes carnevalescos tem obti-
do a somma de 1:063:825 reis, somma
que tem sido distribuida pelos pobres da
capital, sem que estes conheçam a mão
caridosa que lhes mitiga a miseria.

Offerta real.—Sua Magestade el-rei
envia ao regulo Gungunhana, pelos seus
embaixadores, uma fausta offerta. Consiste
em uma optima espingarda de repetição, sis-
tema americano do Spencer, metida num
estojo de mogno polido, forrado de vellu-
do carmelim.

Na corouba da arma, assim como na
tampa do estojo, estão incrustadas as praias
as armas portuguezas com a dedicatoria:
—Ao regulo de Gungunhana.

**Sociedade Camillo Castello
Branco.**—Instalou-se definitivamente
em Portugal a sociedade denominada Camillo
Castello Branco.

Na reunião que se realizou a 29 do mez
passado, presidiu pelo sr. José Joaquim
Filho, servindo de secretarios os srs. Ro-
driguez Marques e Benicio d'Almeida. Re-
solveu-se, entre outros assumptos relativos
à mesma sociedade, enviar ao eminente
escriptor uma mensagem de agrade-
cimento pela sua prompta annuência a
a sociedade poder-se usar do seu nome;
—foi-lhe a carta de annuência enviada pelo
ex.º sr.º fillo do glorioso romancista e de-
terminou-se que fosse uma commissão, em
nome da sociedade, agradecer ao sr.
Ednardo da Costa Santos a intervenção

que tivera, remetendo a mensagem em
que se pedia a autorização precisa.

A saude do monarca.—El-rei
desjeou ver os livros ainda estão inscri-
tos as pessoas que por si, ou represen-
tando corporações, tem lido ao papo da
Ajuda informar-se do seu estado. Sua ma-
gestade ficou sobre maneira agradecido e
em extremo lisonjeado pelo subido numero
de assignaturas, em grande parte des-
cendidas de el-rei, que se acham d'aquelles
livros. Sua magestade disse:—«Quera
um rei feliz porque, nos momentos
angustiosos da sua vida, recebia sempre
do povo, que muito amava, inequívocas
provas da mais elevada consideração».
Estes livros, por ordem de el-rei, serão
juntos aos que sua magestade possui, e
que se referem á doença que sua ma-
gestade a rainha em tempos teve, e á de el-
rei D. Fernando.

O carnaval no Porto.—O Club
Tenentes do Diabo escreveu uma carta á
directão da tuna comastelana que vem a
Portugal, e que é composta de estudantes
de Santiago de Compostela, convidando a
brilhante estudiantina a incorporar-se no
cortejo carnevalesco que o mesmo club
realiza. A directão respondeu por telegrama,
que accitava do melhor grado.

Os Tenentes do Diabo projectam fazer
uma recepção correal e ethnostica aos
academicos hespanhoes.

A tuna occupou, no prestito carnevales-
co dos Tenentes dos carros magnificamente
ornamentados.

Drama n'uma jaula.—O celebre
domador de feras, Peson, correu ha dias
grande perigo de ser devorado por um
terrivel urso que tratou na sua collecção.
Quando entrou na jaula, no circo de Cha-
lons-sur-Marne, foi derrubado pela fera.

O fillo do domador, que estava no cir-
co, abriu corajosamente a jaula e ali en-
trou. O urso, em soccorro do pae, principando a
brutalidade no urso, para o obrigar a le-
vantar, pois debaixo d'elle, quasi esma-
gado, estava o pobre domador.

O urso voltou-se então contra o intrepido
pae, enquanto Peron, ja livre de perigo,
fugiu para o exterior.

Um militar que estava entre o publico
salvou a arena e passou, por entre os fer-
ros da jaula, o seu sabre ao corajoso man-
chebo.

O fillo de Peron feriu por diversas ve-
zes o urso, mas a lucta só terminou quan-
do os dois creados do circo vasou, com um
tiro, os dous olhos da fera.

Os ferimentos dos dous domadores não
são muito graves.

Al, não! que ha na minha historia
Que lhe suaviou a tristezza?
Caei na traze Veloz
Onde perli minha mize;
Acalentaram-me as lagrimas
Que derramava a saudade,
Na desgrazada cidade,
Que não tem patria tambem

Cresci; meu pae uma noite
Disse-me:—«E' ja tempo agora;
Erge-te ao romper d'aurora,
Vamos partir amanhã;
Vamos ver as terras santas,
Sepulchros de teus monarchas;
A patria dos patriarchas,
Desde o Egypto a Caçaa».

Pui; corri o mappa immenso
Das montanhas da Judea;
Al, patria da roça hebraica!
Al, desditoso Sifão!
Que extensos montes sem relva!
Que paragens sem lenhar!
Onde se extendo o Mar Morto,
E onde se espirala o Jordão!...

Aqui, de Hémor os vestigios;
De Zapho, além o deserto;
Loge, o Sinai encoberto;
D'Yboreo o morro, ainda salm;
Desde Isido o Mar Vermelho;
D'aquelle, nada! sem destrucções;

Ruinas, campas sem ossos!
E ao fundo, Jerusalem!

Meu pae chorava e em chorava
Vendo moria e sem prestigio
Terra de tanto prodigio,
Maldicta cidade de D-us
Tudo silencioso e extinto
Tudo vastos cemiterios,
Onde ruinas d'imperios
Ficaram por mauolelos!

—«Meu pae—disse eu—tambem sêde!»—
—«Vê filla, a aridez mortal!
Só Deus dava ao ermo a fonte
Em que hebia Ismael»—
—«Pae, cancei; mostra-me a patria,
Quero dormir sem receio...»—
—«Filla, encolta-te ao meu seio,
Que não tem patria Israel.»

Em todo o mundo estrangeiral
Toda a vida peregrinal
Vêde se ha mais triste sins:
Ser rica e não ter um lar!
Sempre a lenda do Achever!
Sempre o decreto divino!
Sempre a expulsar-me o destino,
Como Abrahão a pobre Agar!

Que pôde valer á hebréa
Sentir n'alma chamma infidel!
Como a Linda Esther ser linda,

E amada como Rachel!

Se o coração da Judea
Se entre-abre de amor as lames,
Não lhe dá tempo aos perfumes
O seu destino cruel.

Al trovador nazareno,
Não voltes! Levo recio...
Dizes que é Deus de permisso?
Não, blasphemaste! Deus não!
Por o mundo esse impassivel
Entre o desejo e a ventura;
O amor clama-lhe: loucura;
E o preconceito—razão.

Deus é Deus, e um só existel
Cego é o mundo e varia a crencal
Mas esta cupida immensa
E' tecto de todos nós!
Este ambiente que me respiro,
Da luz e do sol se he brilha
Hão-de ser de nossos fillos!
Foram de nossos avós!

Mas se a crencça nos separa,
E o mundo exige o supplicio,
Dá-se o amor em sacrificio,
Deixando-se o pranto á dôr;
Eu cerro o peito á ventura;
Tu emagras o teu desejo;
Não mais vires! jurei, jurei...
Não voltes mais, trovador!

Thomas Ribeiro.

LEITURA PARA NOSSAS FILHAS

(Continuação)

Posso apenas contar-lhe o que fiz.
Minha filha tem hoje vinte seis annos.
Casada, é mãe, e tem sabido cumprir a
dúpla e difficil missão que a sorte lhe con-
feriu.

Não sei se deve attribuir os meritos que
todos lhe reconhecem á educação que pro-
curou dar-lhe, parece-mo, porém, que sem
falta modesta pôde confessar, que os
meus cuidados não foram de todo inefficazes,
e que o muito que pensei e meelhei
sobre o caracter da minha querida filha,
me ajudou a guial-a no caminho do seu
aperfeiçoamento.

Ha gente que diz que as mulheres não
devem ler.

Não sei se alguma vez tem ouvido essas
opinões estupidas ou perdidas; não lhes dá
credito, minha lua amiga.

Eu não acho merito algum á mulher
ignorante, que se resigna ao cumprimento
dos seus obscuros deveres de todas as
dias.

Seguo rotineiramente um caminho de
que não conhece as difficuldades, e se não
se affasta d'elle é porque não sabe do
nêhum outro.

A mulher deve ler, mas se mais tarde
não pleso usa das facultades mentaes,
e da sua força moral, ella pôde ler tudo
sem perigo, é indispensavel que uma edu-
cação anterior a talha, preparado e forti-
ficado, é indispensavel que a mulher
cuidado na cultura intellectual que elle
deve receber na infancia e na adolescencia.

Diz-me a minha amiga, que a maior
parte das mulheres são immensas, que os
que não são ignorantes nos intelluctos são
perigosamente fallados ou revelam ao
perigo de vaidade quadros que ella não
deveria conhecer diz-me que a historia de
tous os povos não é mais que um amon-
to de crimes e de vicijs, que a historia
está em contradio absoluto
com as verdades da religião, e no meio
das dúbidas que se desmortem e assaltam,
quasi que prefere condemnar a sua filha a
uma ignorancia que a menos a conserve
simples de coração e tranquilla de espirito.

Tenho duas objecções a fazer-lhe, mi-
nha amiga, e parece-mo que ambas hão
de impressionar o seu esclarecido entendi-
mento.

Em primeiro lugar, se consultar bem a
sua consciencia, verá que transgo por fra-
queza e por preguiça com a ignorancia de
sua filha.

Prefero que ella não tenha visto nada,
e ler de se entregar a trabalho difficilissimo
de escolher com o mais delicado dos es-
crupulos o que ella deve saber.

Em segundo lugar, essa ignorancia, que
para a mulher lhe parece o porto socorra-
do e tranquillo onde ella repousara affon-
tadamente, parece-mo a mim um banco de
perdidas areias onde facilmente ella pôde
naufragar.

Ja estou d'aqui prevendo a sua objecção.
Mas eu não quero tal que minha filha
seja ignorante. Pelo contrario, dei-lhe uma
excellente educação. Aquil não se tracta
senão das leituras que depois de educada
eu lhe devo permitir ou recusar.

Minha amiga, creia isto que lhe vou di-
zer. So sua filha não souber senão o que
tem aprendido até agora, de poucos recur-
sos fica munida para combater na grande
batalha em que vai entrar.

Ensino-lhe o catholicismo, bem sei; Lili
fez já a sua primeira communhão, e respon-
deu ao exame de doutrina com admir-
avel facilidade, e com uma memoria impe-
cavel.

E depois?

Em que é que essas noções a auxiliam
para que ella chegue a conceder o bem
absoluto, a eterna justiça, o Espirito San-
to, que anima a grande natureza?

É preciso que ella forme de Deus uma
idéa e fecunda idéa, e as manifestações
da sua grandeza não estão no cathedra-
tismo, estão espalhadas n'essa criação universal
que ella não sabe ver e que ella não co-
nhece.

Conhece a historia pelos pequenos opus-
culos cheios de todas as maculas e impu-
rezas, que deixaram chegar ás suas mãos
infantis.

Não será uma irritação dizer que ella co-
nhece a historia?

Sabe os nomes dos reis, as datas dos
seus nascimentos e mortes, corações e
consciencias, e os fillos que tiveram e as
cidades e villas que conquistaram; mas
que idéa tem ella d'essa historia sublime;
que participa do drama e da epopéa, que
tem paginas doloridas e paginas brillantes,
que tem cantos triumphaes e gemidos de
lúthosa angustia, d'essa historia em que
estão registradas tantas luctas hericas,
tantas conquistas immortaes, e que se cha-
ma a historia da humanidade?

Não lhe parece que deve ser um estado
elevado, fortificante, robustecedor, que dá
conhecer melhor, os esforços titânicos que
o homem tem empregado para alcançar a
quasi omnipotencia que hoje possue?

Do homem rude, primitivo, inbábil, ro-
deado de perigos para o corpo e de chi-
meras para o espirito, escamado pela fra-
ga brutal da natureza, sem comprehensão
do destino que o esperava e da missão a
que viaha, até ao homem dos nossos dias,
o rei, ao victorioso, ao vencedor, ao que
tem dominado todas as tyrannias que se
donavam, que differença enorme vai,
minha querida amiga!

Entre o pára errante das selvas pre-
historicas e esse triumpho-r, que se cha-
ma Newton ou Goethe, Claude Bernard ou
Victor Hugo, que se chama a historia, que
de milhares de seculos, que é preciso co-
nhecer ao menos pelos marcos miliares
que tem assignado a passagem dos mais
ilustres caminhantes n'essa estrada lumi-
nosa que se chama civilização.

É isso que eu quero conhecer a histo-
ria.

D'essa sciencia o espirito de sua filha,
curioso, ávido, aberto para todas as gran-
des coisas, só pôde obter proveito, um
enorme proveito cujo alcance mal he pos-
sivel explicar.

Dir-me-cha que n'essa historia ha crimes
inominaveis, ha quadros revoltantes, ha ho-
mens condemnados cujo contacto pôde ferir
o delicado e virginal espirito de uma
criança.

Oh! mas tambem ha martyrios, sacrifici-
os, abnegações, arroyos sublimes!

Se ha criminosos, tambem ha heroes;
se ha algozes, tambem ha martyres; se ha
monstros, tambem ha santos.

Deixe-me ao menos a liberdade de fazer
a mysteriosa elaboração que ha de sa-
hir o culto pelo que for bello e bom, o
odio raciocinado e violento a tudo que for
abjecto e vil, a compaixão virtuosa e divi-
na para tudo que for fragil e ignorant!

Ponha nas mãos de sua filha todos os
contos d'essa epopéa enorme. Faça-lhe
com attenção essa historia, e quando ella
tiver chegado á ultima pagina, será mulher.
Uma mulher instruida, uma mulher forte,
capaz de ser sempre digna, e mais devela-
dada, tendo aprendido a conhecer, compa-
rhar, julgar e a pensar.

Não sei se comprehende bem a idéa
que procurei expôr-lhe. Aponte-lhe a traços
largos a direcção a qual que deve dar ás
leituras de sua filha. Lili a que chamel
conhecer a historia, não é, como viu, ler
simplesmente os historiadores.

É ler, dominada por uma idéa de eleva-
da critica, que as conversações d'uma
mãe intelligente podem dar, todas as que
tenham traxido a este thesouro formado
pelos seculos, algum conhecimento preciso
e util.

(Continua).

(Do livro Mulheres e Crianças).

(D. Maria Amalia Vaz de Carvalho).

XXX...

A SILVA FERREZ

Agora-me, sylphide, no entretanto,
nem um tempo tempo d'algebra
nem levantar do gelido quebra-
minh'almas, que se extorço d'agonia.

Tu adoras-me, sim! — mas vê o quan-
to dolorosa e arida e sombria
a magoa que m'invadia em frio prado
as horas de prazér e de harmonia!

Oh! — não sei, não, um só momento
e o meu coração ao descer, ao esquecimento
que me atroa e mata o idealismo...

Que um turbilhão se leve espuma em fôr-
to — tu amor é sponge absorvendo
com a atracção fœnia d'um abismo.

Porto.

Custódio Guimarães.

A FOLHA DE HERA

Era mais noite quando Antonio de Cas-
tro entrou no baile dos marqueses de V.
Apresentado ao desce do vestíbulo do palacio,
penetrava-se em um vasto quadrado, rodea-
do de uma zrcaria de marmore da Roda-
e tendo no centro um tanque d'onde jor-
rava um repulcho, em que as luzes punham
a luz e o brilho das joias, no meio de mu-
lheres formosas, cuja belleza natural é
realçada pelo lizo das toilettes, ouvindo
na orquestra o rythmo vivo de uma valsa
de Strauss — o nosso espirito achava-se triste,
de uma tristeza irresistivel e sincera. Con-
trasta flagrante, e tautes vezes verdadeiro.

Nas Antas, a primeira penetrava no sa-
lão denominado pela estatueta — o salão
dos seus passaros — aproximou-se de um
amigo, o seu intimo, e chamando-o ao
lado, perguntou-lhe, rapido:

— Não é cá a Bertha?

— Não, respondeu o amigo, com um ac-
cristado.

— Bê que tem feito? — interrogou Antonio
ansioso.

— Ora — retrucou-lhe o amigo — o que
tem feito tem dançado — e acenando a
frase com a mão, e com a tristeza — tem
conversado muito com o novo visconde, o
Luiz de Mello.

Antonio de Castro empallideceu, e lan-
çando os olhos para o largo crystal poldo,
que se reflectia na parede que dava pa-
ra o salão de baile, viu a um relance,
entre os pares que perpassavam rapido
no rodopio da valsa, a figura gentil de
Bertha da Cunha, com que dependurara
no hombro de Luiz de Mello e levada tam-
bem no brigo da dança...

De um dos grupos que se moviam per-
to d'elle, nos divans, uma voz argentina
o chamou de repente, fazendo-o sair da
sua dolorosa rêverie.

— sr. Antonio de Castro, que faz
aqui tão melancolico que parece um cyprus-
to? Venha dar uma volta de valsa com
mim!

— As ordens de v. exc., minha senha-
ra — respondeu Antonio, que se aproxi-
mava.

E, dando-lhe o braço, lá foram os dois
para o salão de baile.

So par de Antonio de Castro, era Luiz de
Souza, uma travessa e bulhosa morma,
a quem Antonio fizera a corte, n'ontos
tempos, em Cascaes, n'um verão, com
a desprocuração d'uma simples d'istricção,
boa para as partidas de croquet no Sport-
ing. No entanto Luiz parece que não
havia encanado as coisas do mesmo modo
e nunca perdura a Antonio de Castro o
seu arrependimento e a sua indiferença sobre
seus passos com ella, so mesmo passo
que se mostrava cada vez mais apertado
por Bertha da Cunha, intima amiga de
Luiz, e por isso a sua mais implacavel
rival.

Terminada a valsa abriu-se o buffet.
Uma onda de pares, ancios de gelados,
invadiu logo a sala onde elle se achava
despido. Antonio de Castro conduziu all
o seu par, mas bem pouco lhe importava a
sua irrequie e constante habillage de
morma de Souza: os seus olhos estavam
fixos sobre Bertha da Cunha que, a dis-
tancia, examinava um quadro de Corot,
depois o brigo a Luiz de Mello.

... e resolveu-se
a resolver-se
a resolver-se

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

... distraído
... distraído
... distraído

VIOLETA

ORA

A Empresa de Bordadora de Barcelona, periódico de Dibujos y Labores de la hora, acaba de publicar un precioso Album de abecedarios, cifras y otros caprichos, todo propio para Bordar, haciéndole recomendable su perfección y elegancia en sus letras.

Su Administración.—Escudillers, 55, Barcelona.

Está no preço este livro de sonetos de Manoel de Moura. O seu custo é de 400 réis. Pedidos á administração da "Gazeta Moderna".

EL SIGLO

Journal de modas e órgão dos grandes armazéns d'este mesmo tempo. Publica-se em Barcelona nos dias 10, 20 e 30 de cada mez.

Assignatura em Hespanha e Portugal por semestre 4 pesetas, e por anno 7, 50.

PHARMACIA E DROGARIA MEDICINAL

DE

FERREIRA E IRMÃO

77, RUA DA BANHAMA, 79 (3.ª casa acima da esquina da Ponte Nova)

PORTO

DROGAS MEDICINAIS, PRODUCTOS QUIMICOS, PHARMACEUTICOS E PHOTOGRAPHICOS

Coleção completa dos granulos dosimetricos de Burgraeve, sediliz Chantouand e outros productos comprados na casa do autor. Fabrico de chuchones reserantes e medicinas. Especialidades annunciadas nos jornaes e todas aquellas outras collecções na therapeutica, Vacina ingleza, tinturas para o cabello, couro de massa. Extracção de carne de Liebig. Ferros e instrumentos cirurgicos, avulsos e em agulhas para preço desde 35000 a 300000, podendo modificar-se os estojos á vontade em quantidade de ferros e preço; caixas d'atropia, amputações, uretrotonias, e para extrahir os dentes. Forcos, especuens variados, aparelhos de arch, machinas á eschivas electricas, laryngoscops, seringas para injeções subcutaneas, thermometros clinicos, sismographos etc., etc. e estojos varios. Apparehos cirurgicos em geral como: agulhas, volubras de prata, estanho, gomma elastica, forna variada. Pontas directas, esquerdas, de todos os systemas até hoje conhecidos simples e duplas, para homem, mulher e crianças: ditas sem incisões e com incisões de 2 mezes a 6 annos. Gintas elasticas para comprimir o ventre, ditas e fôrças para rupturas no umbigo de crianças e adultos. Almofadas d'ar para dentes, tubos alimentadores para os mamos, Meias elasticas do tipo, algodão e seda, com e sem pé até ao pulso, e de verilha, e em peças isoladas. Suspensorios para os ossos e espinhas para fôrças; pinces de diversas formas: bonets para passar os de forma variada e ventosas aspiradoras etc., etc. Seringas de todos os systemas conhecidos, e borracha para injeções e explorares em caquexia desde 1 a 1000 grammas. Seringas e borrachas com caudex para injeções venozas. Punctadores para pó e líquidos. Fios de linho; espinhas; ligaduras de tecido elastico; para extrahir leite, dias para collocar nos peitos, letas e esphindes de formas muito variadas. Tubos elasticos de diametro de 1 millimetro a 12 centimetros; dilator para esgoto de tumores, etc. Thermometros para o tempo e para banhos, arcómetros, alcoolómetros, densímetros para mostres, barómetros, microscopios, e lentes, alomofarizes e espelhos de pirocetta, alampadas a alcool, relatorios, balões tubos de vidro, frascos tabulados, provetas, copos graduados e apparehos para limonadas gasificadas.

Vendas por junto e a retalho

CONTRA A DEBILIDADE

raginosa da Pharmacia Franco em Belem

excellent tonic reconstituinte; esta farinha, a união, é muito agradável e utilissima para falta para convalescentes, pessoas idosas, crianças, anes, qualquer que seja a causa da debilidadade.

TRITIVO DE CARNE

ado pelo governo, e pela junta de saúde publica de Belem pelo consul geral do Império do Brazil. É muito util e doucas; augmenta consideravelmente as forças aos indigentes e appetite de um modo extraordinario. Um calico d'osco em Belem. Acha-se á venda na Pharmacia Franco, em Belem

CONTRA A TOSSE

ROPE PEITORAL — JAMES

torisado pelo Conselho de Saúde Publica de Portugal, em Belem. Cada frasco está acompanhado de um impresso com os meios de obter, reconhecidas pelos consules do Brazil, e nas principais farmacias.

O COMECCO ILLUSTRADO

BI-SEMANARIO

Orgão commercial, industrial, judicial, municipal, militar e das classes telegrapho postal e phares, obras publicas, etc.

PREÇO, CADA MEZ 100 RÉIS

Por todo o mez de Janeiro, abrirá este excellente jornal illustrado, defensor de todas as classes, e collaborado pelos mais abastados escriptores, publicando em folhetins a historia do vertedouro original.

E o jornal mais barato que até hoje tem appareado, o qual será enriquecido com o retrato dos principaes honras do commercio, industria, magistratura, etc., etc. Os seus assignantes tem 50 p. de abatimento no preço dos annuncios e 25 p. c. d'outras quaisquer publicações.

Assignas no Porto, preço de Santa Theresa n.º 25.

GAZETA MODERNA

SEMANARIO PORTUENSE ILLUSTRADO

DIRECTOR E PROPRIETARIO

DANIEL D'ABREU JUNIOR

Politica—Satyras e humorismos em prosa e verso—Noticias—Audoctas—Charadas—Poesias—Contos—**Bibliographia**—Romanes—Curiosidades—Musa popular—Assignações—Grammatica, orthographia—Revistas theatricas—Sport—**Camocanea**—Questões litterarias—Biographias—Apontamentos historicos—Educação—Moral, etc. Com a collaboração de distinctos escriptores, e illustrado com retratos de homens illustres portuguezes, monumentos, etc.

Assignatura—Porto, 250 reis por tres mezes; provincias, 290 reis por igual tempo.

Annuncios e communicados—cada linha 40 reis; repetições, 20 reis.

Publicações litterarias, gratis, mediante um exemplar.

Não se acceptam assignaturas que não venham acompanhadas do respectivo importe.

Acceptam-se correspondentes em todas as terras.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção e administração—rua do laureiro, 58—Porto.

NOVO GUIA DO VIAJANTE

BOLETIM MENSAL

PREÇO 50 REIS PORTO

Administração geral: 150 — Campo dos Martyres da Patria — 150.

Adubo mineral, agricola e anti-phyloxero

Este adubo tem grande riqueza em carbone, cal, soda, potassa e aluminio, acompanhada de pirites, as quaes tem a propriedade de decompor-se na humidade, formando o sulphureto de carbonio natural, sulfidato de aluminio, como remedio anti-phyloxero, tendo a vantagem de ser um adubo agricola, desenvolve admiravelmente as videiras em especial e em geral todas as plantas. Preço geral, rua Nova de S. Domingos n.º 105.

CASA DE VILLAR D'ALLEN

237, Rua de Sá da Bandeira, 239

VINHOS DE DIFERENTES IDADES

300, 400, 500, 600 e 700 reis a garrafa

VINHOS DE COLHEITAS ESPECIAES

800, 900, 1000, 1200, 1500, 1800, 2000 e 3800 a garrafa

HALVAZIA, MOSCATEL, BASTARD e MOURISCO

Douro Clarete, 160 reis a garrafa

OS PREÇOS SUPRA INCLUEM A GARRAFA

VINHOS DA UNIÃO VINICOLA PORTUGUEZA

Douro, sublimado.....	(garrafa) réis	220
Douro, sublimado, secco.....		200
Douro, meza, claro.....		160
Douro, meza, secco.....		140
Douro, natural.....		100
Vinho alimentar.....		80
Minho clarete.....		80

PREÇO SEM GARRAFA

27—Rua de Sá da Bandeira—29

AGENCIA COMMERCIAL NO PORTO

PROPRIETARIOS

MAYA & C.^a

GERENTE

José Antonio Pereira Maya

81, Rua de Bellomonte, 83

PORTO

Encarrega-se da collocação de capitães.

Compra a venda de predios, e de papeis de credito; empréstimos sobre hypothecas.

Encarrega-se da cobrança de dividas, tanto n'esta cidade como fora do Porto.

Liquidam-se heranças, trata-se de inventarios, justificações, habilitações, execuções, embargos, arrollos, recursos de recrutamento, apellações, agravos, e recursos de revista, e de todas as applicações commerciaes, civis ou criminaes; e solicitam-se todos os negocios forenses e de justiça, e dependencias de todos os tribunales, repartições e secretarias do Porto e Lisboa.

Porto—Typographia da Empresa Litteraria "Typographia, Rua do Almada, 346 e 348